

# A matemática poética



Herculano Alencar

## **A matemática da morte**

O corpo entregou-se finalmente  
à inércia das moléculas vitais!  
O coração que já não bate mais  
no peito estagnado do doente,

calado, espera a voz do veredito:  
—Morreu! Não há um só sinal de vida!  
A alma ri da própria despedida  
e sai do corpo em busca do infinito.

Há uma inteligência soberana  
por trás das aparências desumanas,  
que se criam da morte em nossa mente.

Pois é na matemática da morte  
que cada um calcula a sua sorte  
e o quanto mereceu ter sido gente.

## **A matemática do adeus**

Um adeus é um fim de divisão  
que dá imperfeição ao quociente,  
porquanto o dividendo é, da gente,  
o baticum sutil do coração.

Dizer adeus é ter uma fração  
da vida na metade do caminho;  
mais uma operação em desalinho  
na fase incongruente da razão.

Pois o adeus, ao ser fracionado,  
tem no numerador o ser amado;  
no denominador, o próprio eu.

Assim, na divisão de quem se ama,  
vai-se somando, à dízima do drama,  
os restos de alguém que já sofreu.

## **A Matemática da gênese**

Da adição, a soma dos gametas,  
que se dividem em fração binária,  
a matemática hereditária  
produz a hipotenusa e os catetos.

A mórula, qual dízima periódica,  
avança, em geométrica razão,  
até o "ene" da blastulação,  
reproduzindo uma sequência lógica.

Forma-se por inteiro o embrião!  
A vida se mantém em equação,  
sobre o mínimo múltiplo comum,

até achar o xis da criação.  
Enquanto a costela de Adão  
engasga os descendentes um a um.

## **A matemática da chuva**

Milhões de pingos caem por segundo  
formando uma coluna sobre o chão.  
E mais um pingo, e outro, e um milhão  
de pingos ora caem pelo mundo.

A chuva ritmada, em turbilhão,  
inunda os olhos tristes do estio.  
A natureza, então, em pleno cio,  
semeia a poesia de verão.

E no balé da chuva, o coração  
explode de alegria, qual trovão,  
a ribombar, no peito, doce mágoa.

Até que vem o sol, colar de brasa,  
e a poesia agora sai de casa  
disposta a recontar os pingos d'água.

## **A matemática da solidão**

Qual um número primo, a solidão  
é tão indivisível, quanto o nada.  
E é, na matemática aplicada,  
o zero à esquerda da razão.

Ser só é ter a sombra imantada  
no polo negativo do sistema,  
tal qual o verso mudo de um poema  
da última estrofe recitada.

Mas, apesar da conta negativa,  
há muito que se sabe, de oitiva,  
que bem melhor do que somar sozinho

é dividir o nada com alguém.  
A solidão, enfim, vai muito além  
dos zeros à esquerda do caminho.

## **A matemática das flores**

Flores vermelhas, lírios multicores...  
mil dúzias de buquês de fantasia,  
somam-se à flor que o talo delicia:  
aquela que resume todas as flores.

Se cada uma flor tem três amores:  
a gota do orvalho, o beija-flor...  
então é razoável se supor  
que há, pra cada flor, dois beija-flores;

E que há tanto orvalho, tanto e tanto...  
que nem uma só flor, em qualquer canto,  
há de morrer de sede, sem um beijo.

E mesmo uma florzinha desprezada  
jamais há de murchar sem ser beijada,  
pois para, cada flor, há um desejo.

## **A matemática da sátira**

Ao dividir seu vício solitário  
com a nudez das capas de revistas,  
vai-se somando, a outros onanistas,  
na introspecção do imaginário.

Há muito que esconde do vigário  
os traços do pecado capital,  
que urgem do espasmo seminal,  
para emergir no trato urinário.

Quinhentos mil vaivens, que vem e vão...  
a repetir infame operação  
no delta entre prazer e o cansaço.

Até que finalmente durma o falo  
e possa a mão mostrar enorme calo  
gerado pelo tempo no espaço.

## **A matemática de um ponto singular**

Da reta definiu-se um novo ponto,  
que se fez uma reta novamente.  
Desfez a reta, o ponto incongruente,  
e retornou, assim, a um só ponto...

Que se fez reta, e curva, e fez-se pronto  
num ponto equidistante da figura.  
O ponto, agora tonto, a essa altura,  
manteve-se na curva, por enquanto.

Não fosse o poeta um contraponto  
e o ponto morreria sobre a reta,  
como morreu e morre o poeta,  
buscando poesia em todo canto.

Fez-se da reta um verso e, por encanto,  
do ponto floresceu mais uma reta.

## **A matemática do ciúme**

I sósceles, o trígono do amor  
tem dois, de seus três lados, sempre iguais.  
Mas o terceiro tem um algo mais  
que não se sabe ao certo aonde pôr.

Os ângulos enviam seus sinais  
ao seno e ao cosseno, o tempo todo,  
à espera permanente do engodo  
que há por trás da soma dos casais.

Da mediana aparta-se o bi gume:  
um lado uma parcela do ciúme,  
do outro o pesadelo da traição.

E quanto mais amor um homem sente,  
há sempre aquela dúvida silente,  
pendente entre o castigo e do perdão.

## **A matemática do sexo**

Da adição de beijos e gemidos  
faz-se a geometria do prazer.  
Um cálculo difícil de fazer  
por quaisquer artifícios conhecidos.

Do número de pares divididos  
por cada contração do genital,  
resulta uma raiz axial  
que tangencia todos os sentidos.

Nem Freud com seu Édipo/Eletra;  
artistas; matemáticos; poetas...  
conseguem definir com precisão.

Pois que, na matemática do sexo,  
o côncavo ajusta-se ao convexo  
e perde-se o xis da equação.

## **A matemática da derrota**

Ao dividir os louros da vitória  
pela soma do fardo da derrota,  
o derrotado paga a sua cota  
e segue como séquito da glória.

Ano, após ano, a traça da memória  
corrói o quociente e o divisor  
e o derrotado já não sabe pôr  
um dígito na conta da história.

Tivesse a matemática moderna  
achado a raiz da quarta perna,  
que move os cientistas sociais...

A soma do quadrado dos catetos  
seria transformada em sonetos  
e a derrota em casas decimais.

## **A matemática da paixão**

De mais de dois mil beijos que te dei,  
um beijo apenas dei apaixonado.  
E esse beijo nunca mais foi dado  
nas muitas outras bocas que beijei.

O beijo foi um xis, posto ao quadrado,  
no "ene" infinito do desejo.  
E assim, na matemática do beijo,  
o beijo é o amor simplificado.

Pitágoras mostrou, em teorema,  
o que poetas mostram em poemas:  
a soma do quadrado dos catetos

define a hipotenusa da paixão.  
E na raiz de tal equação  
estão quatorze versos de um soneto.

## **A matemática da saudade**

Há vinte e quatro horas não te vejo!  
São oitenta e seis mil e quatrocentos  
todos os segundos deste sofrimento,  
que choram pela falta do teu beijo.

Teu corpo não me sai do pensamento:  
dois pomos paralelos sobre mim,  
dois braços, que parecem não ter fim  
ao darem-te, completa, em juramento.

Hoje só sou de mim uma metade,  
a outra é a soma da saudade  
com o resto da perversa divisão:

Um número qualquer posto ao acaso  
que não morreu, mas já venceu o prazo  
nas horas do relógio da paixão.

## **A matemática da vida**

O gene é a fração do cromossoma,  
nucleotídeos postos em sequência,  
conforme os ditames da ciência  
na multiplicidade do genoma.

Os cromossomas são frações binárias  
que se dispõem no núcleo celular.  
Em cada espécie pode-se notar  
que há uma quantia necessária:

Sessenta e quatro conta o cavalo,  
os seus setenta e oito tem o galo  
e o ser humano tem quarenta e seis.

O porco tem quarenta, a mosca oito;  
cada macaco tem quarenta e oito  
e a avoante, apenas dezesseis.



## **A matemática divina**

As leis da natureza nada são,  
senão os pensamentos divinais  
expressos, por fatores numerais,  
na conta milenar da criação.

Qual dízima infinita em progressão  
nos eixos dos espaços siderais,  
impõem coordenadas naturais  
ao universo em plena evolução.

Enquanto a matemática divina  
apõe DNA à cromatina  
e dá sequência à química vital,

o homem subverte a estrutura  
e subtrai de cada criatura  
os átomos cindidos da moral.

## **A matemática do coração**

São tantos batimentos por minuto  
que se pode fazer a projeção  
de quantos, pela a vida, o coração  
há de bater do choro até o luto.

Basta somar os anos que se vão,  
multiplicar por dois, talvez por mais  
(por conta de extrassístoles banais)  
e pode-se chegar à conclusão.

Mas hoje eu me pergunto: —vale à pena,  
do jeito que a vida é tão pequena  
em vista de tão grande operação,

ficar a calcular, por tempo incerto,  
o quanto há de areia no deserto,  
se apenas uma grama enche a mão?

## **A matemática do sonho**

Sonhar é calcular durante o sono  
o saldo entre o real e a fantasia  
e recompor, do todo, as fatias,  
como se fossem cópias em carbono.

Também é mensurar qual é o ganho  
que a fantasia impõe à realidade.  
E, assim, poder saber em que metade,  
a parte do real compõe o sonho.

Sonhar é calcular, mesmo acordado,  
a média ponderal de cada lado,  
que faz tão intrigante teorema.

O sonho é, pois, na minha teoria,  
o metro que alma se apropria  
para medir o brilho de um poema.

## **A matemática do ódio**

Os números inteiros positivos  
(a velha aritmética nos diz)  
podem ser decompostos na raiz,  
ainda que não saibam os motivos.

Pois eu, que não sou burro por um triz,  
afirmo, mesmo sem exatidão,  
que sei qual o motivo e, diante mão,  
demonstro um teorema que eu fiz:

O ódio eleva o xis ao seu quadrado,  
depois que ele foi multiplicado  
pela razão inversa da paixão.

No cálculo final da mediatriz,  
a lousa troca farpas com o giz  
enquanto a paz outorga a solução.

## **A matemática do poeta**

contei os versos todos, um a um:  
em cada estrofe houve um verso a mais,  
aquele que julguei não ser capaz  
sair de mim, poeta tão comum.

As sílabas em tônicas iguais  
parecem repetir-se, em simetria,  
conforme as leis da trigonometria  
que regem nossos dramas naturais.

Sou um poeta, sim, eu sou mais um  
daqueles que não vão lugar algum  
onde não possa entrar anomalia.

Enquanto conto versos mundo a fora  
aqui, no coração, inda embolora  
um verso que nasceu sem poesia.

## **A matemática do ébrio**

Trançando as pernas bambas, uma a uma,  
o bêbado calcula a trajetória  
e segue a contar a mesma história,  
que hoje dá suporte à sua alcunha.

E topa, e destrói a própria unha  
nas quinas das calçadas, sem medida.  
E desse jeito vai levando a vida  
por muito tempo mais do que supunha.

O ébrio já não soma quase nada!  
Vomita seus poemas na calçada  
até que o sol proclame um novo dia.

E quando o bocejar pede uma mão,  
a outra se antepõe ao coração  
pra consolar o peito em agonia.

## **A matemática do acaso**

Bateu à minha porta, certo dia,  
uma mulher qualquer, desconhecida,  
com ar de Madalena arrependida  
por carregar o nome de Maria.

Falou-me das agruras desta vida  
e desejou-me um mundo encantador.  
Falou-me alguma coisa sobre amor,  
e me pediu um prato de comida.

Bateu à minha porta, outro dia,  
outra mulher com nome de Maria,  
e perguntou se eu a conhecia.

Não sei! Eu respondi encabulado.  
- "Eu sou Maria, a musa do pecado,  
mas pode me chamar de Poesia!"

## **A matemática das estrelas**

Pra cada uma estrela que há no céu,  
há outra no profundo azul do mar.  
Portanto, é impossível calcular  
em uma simples folha de papel.

Se Deus criou a torto e a granel,  
pois é do seu desígnio criar.  
Criou uma no céu, outra no mar  
e deu, pra cada uma, um papel:

uma estrela no céu é um poema,  
uma estrela no mar é um problema,  
que aos poetas cabe a solução.

E eu, que sou poeta por acaso,  
vago por todos os mares do Parnaso  
tentando alcançar o céu co'a mão.

## **A Matemática moderna**

Aplaudo a matemática moderna,  
a tabuada que pariu a soma,  
que fez Gomorra dividir Sodoma,  
e fez de Roma a meretriz eterna.

Mas sou Saci, só tenho uma perna,  
perdi a outra na filosofia.  
A perna que chutou a poesia  
nas profundezas abissais de Lerna.

Eu sou a areia que constrói castelo,  
o expurgo da lira, o farelo...  
restos de poesia com farinha;

A sobra de um verso cristalino,  
ejetado no colo uterino,  
que floresceu tal qual erva daninha.

## **Matemática da Poesia**

A poesia, onda magnética  
gerada da fissão dos sentimentos,  
a cada hertz faz o movimento  
das letras que oscilam na fonética.

A poesia, soma de momentos  
adicionados pela dialética,  
faz do instante a arte e a poética  
que anima, do poeta, o pensamento.

Por que será que há tanto tormento  
nos versos que compõem a cinética!?  
E ainda, mesmo ordem alfabética,  
a rima se desfaz a cada acento!?

Quiçá seja o poeta o elemento  
que gera essa onda magnética!